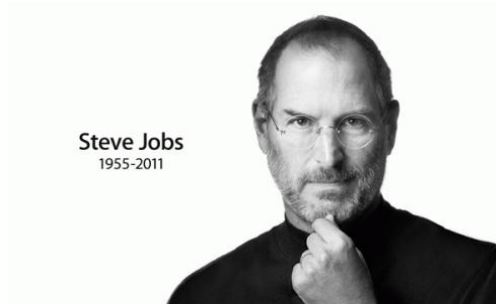


A mensagem de uma vida por Steve Jobs



Luciana Helena Mussi

Depois de tudo que saiu na mídia sobre o grande, senão o maior Mestre da Tecnologia dos últimos tempos, o que mais teríamos a dizer? Bem, quando se trata de Steve Jobs (morto nos Estados Unidos aos 56 anos de idade), muito se tem a contar, a descobrir, as palavras são encontradas com extrema facilidade porque se trata de um homem raro, que fala de coisas simples, de todos nós. É difícil imaginar palavras comuns como amor, perda e morte como parte de sua vida? Num belíssimo discurso de formatura aos alunos da Universidade de Stanford em 2005, Steve Jobs se revelou e ajudou muita gente a encontrar um rumo nesta complexa jornada pela vida. Eu fui uma destas pessoas. A partir de três histórias, o grande “Mestre da Tecnologia”, fala sobre amor, perda, morte, tudo num constante religar de acontecimentos e aprendizado.

Há cinco anos, trabalhando numa grande empresa do segmento financeiro, descobri, através de um e-mail de minha irmã, este discurso de Steve Jobs. Numa fase de grande turbulência afetiva e profissional não sabia se casava ou comprava uma bicicleta, tamanha era a confusão em que estava envolvida, me sentia encapsulada por todas as dúvidas existenciais da humanidade. Todos diziam: faça sua escolha. Mas eu pensava, se escolho “A” perco “B”. Neste momento recebemos muitos conselhos, mas a pergunta continua: O que pensar sobre tudo?

Ao ler o discurso, pensei que a vida nos oferta perspectivas e são muitas, só não temos olhos preparados para ver, ouvidos sensíveis para compreender o verdadeiro sentido dos acontecimentos, paladar para degustar calmamente as lembranças, boas ou más, e tirar o melhor proveito delas e, finalmente, tato para lidar com todas estas coisas que soam tão complexas para um ser que sofre pelos “seus” mais profundos sentimentos. Imediatamente passei para meus colaboradores o texto de Steve Jobs e, juntos, partilhamos muitas ideias, dúvidas, escolhas. Isto só foi possível porque vivemos e juntos. Através das

conhecidas três histórias de Steve Jobs, penso que tanto eu como os jovens estudantes de Stanford, e muitas outras pessoas puderam encontrar seu próprio caminho.

O comentado discurso de Steve Jobs começa assim:

“Estou honrado de estar com vocês hoje na formatura de uma das melhores universidades do mundo. Eu nunca me formei na faculdade. Verdade seja dita, isso é o mais próximo que já cheguei de uma formatura de faculdade. Hoje eu quero contar a vocês três histórias da minha vida. É isso aí. Não é grande coisa. Apenas três histórias”.

Quem poderia imaginar algo assim, vindo de um dos grandes gênios da tecnologia! Este foi meu maior espanto. Assim como o que será contado, a escola tem uma enorme importância para mim e sempre ocupou um espaço de destaque na minha formação.

Histórias

Sua primeira história, a primeira do grande Steve Jobs, fala sobre “ligar os pontos”, tecer a jornada com os fios que a vida nos oferece. Assim ele inicia: “Tudo começou antes de eu nascer. Minha mãe biológica era uma jovem universitária solteira, e ela decidiu me colocar para adoção”.

A história segue com Jobs contando que sua mãe biológica queria que ele fosse adotado por pessoas formadas, mas o destino quis diferente, lhe pregou uma peça fazendo com que o menino fosse entregue a uma família que não tinha estudos: sua mãe adotiva nunca tinha se formado na faculdade e seu pai nunca tinha completado o ensino médio. Sua mãe biológica só aceitou assinar os papéis da adoção quando o casal prometeu que algum dia, o então menino Jobs iria para a faculdade.

Depois de 17 anos, Jobs optou por uma faculdade tão cara quanto Stanford fazendo com que todas as economias de uma vida dos seus pais adotivos fossem gastas. Passados seis meses, não suportando ver aquilo e não tendo a menor ideia do que queria fazer da vida, ele fez sua primeira importante escolha: decidiu sair e confiar que tudo ia acabar dando certo. Ele diz:

“Foi muito assustador naquela época, mas olhando para trás foi uma das melhores decisões que já fiz. No minuto em que eu saí eu pude parar de assistir as aulas obrigatórias que não me interessavam, e comecei a assistir as que pareciam interessantes.”

Mergulhado em coisas básicas como sobreviver, dificuldades próprias de quem “toma decisões” e não hesita em errar, nas suas novas andanças ele se entrega à curiosidade e à intuição, valores que se mostrarão valiosos anos depois. Ele lembra:

“O Reed College oferecia naquela época a melhor formação de caligrafia do país. Em todo o campus, cada poster e cada etiqueta de gaveta eram escritas com uma bela letra de mão. Como eu tinha largado o curso e não precisava frequentar as aulas normais e decidi assistir as aulas de caligrafia. Aprendi sobre fontes com serifa e sem serifa, sobre variar a quantidade de espaço entre diferentes combinações de letras, sobre o que torna uma tipografia boa. Aquilo era bonito, histórico e artisticamente sutil de uma maneira que a ciência não pode entender. E eu achei aquilo tudo fascinante.”

Ele continua:

“Se eu nunca tivesse largado o curso, nunca teria frequentado essas aulas de caligrafia os computadores poderiam não ter a maravilhosa caligrafia que eles têm. É claro que era impossível conectar esses fatos olhando para frente quando eu estava na faculdade. Mas aquilo ficou muito, muito claro olhando para trás 10 anos depois”.

Finalizando sua primeira história:

“De novo, você não consegue conectar os fatos olhando para frente. Você só os conecta quando olha para trás. Então tem que acreditar que, de alguma forma, eles vão se conectar no futuro. Você tem que acreditar em alguma coisa – sua garra, destino, vida, *karma* ou o que quer que seja. Essa maneira de encarar a vida nunca me decepcionou e tem feito toda a diferença para mim”.

Acreditar naquilo que nos move e nos impulsiona para trilhar novos caminhos, não importa quais sejam, e o que vale é que, exatamente naquele momento, a escolha foi feita. Boa ou má, com erros ou acertos, fica o aprendizado que nos permite ligar os feitos de uma vida, que pode ser longa ou breve, mas que de alguma forma fazem sentido e ganham significados.

A segunda história de Steve Jobs fala sobre amor e perda. Sim, os fortes também amam e perdem, talvez porque se lancem a riscos com mais frequência. Boff (2009: 26) afirma que “existem eixos existenciais nos quais a experiência de transcendência se adensa de forma mais perceptível”. Eu pergunto: existe maior experiência de transcendência do que o amor? Quanto a isso ele completa: “Eis a fina descrição de uma experiência de transcendência, experiência de encontro entre duas pessoas que se enamoram e descobrem o amor, uma experiência que revoluciona a consciência e a vida”.

Um processo de ganhos e perdas experienciado com amor, vida e renovação constante, tudo numa tecnologia transformada em arte ao alcance de todos (Mac, iPod, iPhone, iPad, iCloud – a tecnologia nas nuvens). Por tudo isso e muito mais, Jobs começa se dizendo um homem de sorte, porque descobriu muito cedo o que queria fazer na vida. Ele conta como foi a escalada de sucesso iniciada na garagem da casa de seus pais quando ele tinha apenas 20 anos, chegando em 10 anos na Apple e na sua maior criação — o Macintosh — aos 30 anos.

Em seguida veio a demissão da própria empresa:

“O que tinha sido o foco de toda a minha vida adulta tinha ido embora e isso foi devastador. Fiquei sem saber o que fazer por alguns meses [...] Mas, lentamente, eu comecei a me dar conta de que eu ainda amava o que fazia. Foi quando decidi começar de novo. Não enxerguei isso na época, mas ser demitido da Apple foi a melhor coisa que podia ter acontecido para mim”.

A liberdade de não ser mais um grande executivo o permitiu ser um iniciante com menos certezas sobre tudo e, nos cinco anos seguintes, ele criou uma companhia chamada NeXT, outra chamada Pixar - o estúdio de animação mais bem sucedido do mundo - quando o amor surgiu na sua vida:

“Me apaixonei por uma mulher maravilhosa que se tornou minha esposa [...] Em uma inacreditável guinada de eventos, a Apple comprou a NeXT, eu voltei para a empresa e a tecnologia que desenvolvemos nela está no coração do atual renascimento da Apple. E Lorene e eu temos uma família maravilhosa. Tenho certeza de que nada disso teria acontecido se eu não tivesse sido demitido da Apple.”

Como ele mesmo disse, muitas vezes o paciente precisa de remédios insuportáveis. A vida, às vezes, bate com um tijolo na sua cabeça. Mas ter fé e amor pelo que se faz, descobrindo o que se ama, é tudo. Ele finaliza:

“Se você ainda não encontrou o que é, continue procurando. Não sossegue. Assim como todos os assuntos do coração, você saberá quando encontrar. E, como em qualquer grande relacionamento, só fica melhor e melhor à medida que os anos passam. Então continue procurando até você achar. Não sossegue”.

34

Agora chega a terceira história falando sobre a morte:

“Quando eu tinha 17 anos, li uma frase que era algo assim: “Se você viver cada dia como se fosse o último, um dia ele realmente será o último”. Aquilo me impressionou, e desde então, nos últimos 33 anos, eu olho para mim mesmo no espelho toda manhã e pergunto: - Se hoje fosse o meu último dia, eu gostaria de fazer o que farei hoje?, e se a resposta é “não” por muitos dias seguidos, sei que preciso mudar alguma coisa”.

O problema desta afirmação de Jobs, é que nunca achamos que este dia, o dia de hoje, pode ser o último. Filmes da Pixar falam disso. O sucesso da Trilogia Toy Story é um exemplo: nem Woody e sua turma pensavam na finitude de suas vidas. Ou o velho de “UP” que perde sua amada esposa e se vê obrigado a carregar sua casa nas costas, numa viagem sem fim, preservando suas lembranças, sua vida, do furioso rio do tempo.

Segundo Jobs, a ferramenta mais importante para ajudar alguém a tomar grandes decisões é lembrar que a morte pode estar mais perto do que pensamos: “Porque quase tudo — expectativas externas, orgulho, medo de

passar vergonha ou falhar — caem diante da morte, deixando apenas o que é apenas importante [...] Você já está nu”.

Assim ele conta sobre o terrível diagnóstico de um tumor no pâncreas, para os médicos um tipo de câncer incurável: “e que eu não deveria esperar viver mais de três a seis semanas. Meu médico me aconselhou a ir para casa e arrumar minhas coisas — que é o código dos médicos para “preparar para morrer”. Significa tentar dizer às suas crianças em alguns meses tudo aquilo que você pensou ter os próximos 10 anos para dizer. Significa dizer seu adeus.”

A morte é o destino que todos nós compartilhamos

Depois de uma biópsia, os médicos encontraram uma forma muito rara de câncer pancreático, mas que podia ser curada com cirurgia:

“Eu operei e estou bem. Isso foi o mais perto que eu estive de encarar a morte e eu espero que seja o mais perto que vou ficar pelas próximas décadas. Tendo passado por isso, posso agora dizer a vocês, com um pouco mais de certeza do que quando a morte era um conceito apenas abstrato: ninguém quer morrer. Até mesmo as pessoas que querem ir para o céu não querem morrer para chegar lá”.

Jobs continua:

“Ainda assim, a morte é o destino que todos nós compartilhamos. Ninguém nunca conseguiu escapar. E assim é como deve ser, porque a morte é muito provavelmente a principal invenção da vida. É o agente de mudança da vida. Ela limpa o velho para abrir caminho para o novo. Nesse momento, o novo é você. Mas algum dia, não muito distante, você gradualmente se tornará um velho e será varrido. Desculpa ser tão dramático, mas isso é a verdade”.

No delicado confronto entre a consciência de finitude e a morte, Monteiro (2006: 43) caracteriza o processo de vida de todos nós, seres humanos inquietos e sedentos de vida:

Somos seres de passagem. A consciência da finitude e da morte são realidades estruturais presentes no processo de individuação ou da constituição de si mesmo. A alma, paradoxalmente, parece ter entre suas metas a morte e a continuidade da vida. Portanto, para a alma, a morte está presente como fiel escudeira.

A sua terceira história é finalizada com algumas frases, não pensem em conselhos, mas reflexões que devem ser lembradas porque agregam. Tenho certeza que este discurso vai permanecer nos corações das pessoas por décadas e décadas e ajudar cada um a encontrar possibilidades, um caminho, uma escolha que se ame verdadeiramente e que faça sentido a uma existência que se constrói numa vida, que também é sofrimento:

“O seu tempo é limitado, então não o gaste vivendo a vida de um outro alguém”.

“Não fique preso pelos dogmas, que é viver com os resultados da vida de outras pessoas”.

“Não deixe que o barulho da opinião dos outros cale a sua própria voz interior”.

“E o mais importante: tenha coragem de seguir o seu próprio coração e a sua intuição. Eles de alguma maneira já sabem o que você realmente quer se tornar. Todo o resto é secundário”.

Mergulhando nas lembranças da infância chegam as palavras finais de Steve Jobs aos jovens alunos: “Continuem com fome, continuem bobos.”

Tecnologia vivida como arte e criatividade, assim Steve Jobs acreditou na vida, não apenas como um aceno de esperança ou um vislumbre de salvação. A sua crença era “o estar aqui” - e ele se fez vivendo com o outro e entre os outros, sem se deixar levar pelas imposições e normas deste outro.

Jobs agradece no final de seu discurso, mas creio que somos nós quem devemos agradecer por esta sua breve mas infinita existência entre nós. Com uma trajetória profissional e história pessoal de dramas e superação, este brilhante homem tem e terá sempre muito a ensinar. “Quero deixar uma marca no universo” – Pois bem Mestre, descanse em paz, as suas ideias e criações (produtos) fizeram e fazem parte das nossas vidas, num profundo renascimento cultural expressado pela simplicidade como uma máxima da sofisticação. Ele costumava dizer com maestria: “Dá muito trabalho fazer uma coisa simples, compreender de fato os desafios subjacentes e chegar a soluções elegantes”.

Com a história de Steve Jobs, eu fiz as minhas próprias ligações e vi que “se eu não tivesse feito isto, aquilo não teria acontecido e mais isto também não [...] e a história segue, não termina, pelo menos por enquanto.”

Referências

BOFF, L. (2009). *Tempo de Transcendência: o ser humano como projeto infinito*. Rio de Janeiro: Vozes.

FISCHMANN, R. (2011). *Transcrição completa do maravilhoso discurso de Steve Jobs na Universidade de Stanford, em 2005*. Disponível em <http://macmagazine.com.br/2008/12/12/transcricao-completa-do-maravilhoso-discurso-de-steve-jobs-na-universidade-de-stanford-em-2005/>.

Acesso em 10/10/2011.

ISAACSON, W. (2011, outubro). A união da arte com a tecnologia. *Revista Veja*, edição 2238, ano 44, nº 41.

MONTEIRO, D.M.R. (2006). “O enigma dos enigmas: conjugação nascimento e morte”. In: Monteiro, D.M.R. (Orgs.). *Espiritualidade e Finitude*. São Paulo: Paulus.



VÍDEO YOUTUBE. Steve Jobs - Discurso Stanford COMPLETO. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=66f2yP7ehDs&feature=player_embedded. Acesso em 10/10/2011.

Luciana Helena Mussi - Engenheira, Psicóloga, Mestranda em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Revisora da Revista Kairós Gerontologia. Colaboradora do Banco de Vídeos e Filmografia do Portal do Envelhecimento, do Observatório da Longevidade Humana e Envelhecimento (OLHE). E-mail: lh0404@terra.com.br.